

O Jornalismo Internacional nos 45 anos da Revista Veja¹

Letícia Dias da COSTA²
Pricilla Tiane VARGAS³
Valquíria Michela JOHN⁴
Universidade do Vale do Itajaí

RESUMO

Veja é a revista de maior circulação no Brasil e uma das quatro de maior circulação do mundo, portanto, desempenha um importante papel na construção de representações quanto aos assuntos e temáticas que aborda. Ao longo dessas mais de quatro décadas, a revista ajudou a construir e difundir memórias sobre outros povos, nações e culturas. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a cobertura realizada pela revista Veja na editoria internacional no intervalo de sua marca histórica de 45 anos de existência. Busca identificar os temas e assuntos mais enfocados, considerando o papel da revista na narrativa da história do tempo presente. Como procedimento metodológico, foi utilizada a Análise de Conteúdo, tanto para a coleta quanto para a análise dos dados. Foram analisadas todas as edições publicadas entre 11/09/1968 (primeira edição) até 11/09/2013 (data em que a revista completa 45 anos).

PALAVRAS-CHAVE: revista Veja; internacional; memória; tempo presente.

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação desempenham papel destacado no processo de construção de opiniões, das representações que fazemos do mundo a nossa volta. Neste cenário midiático, o jornalismo pode contribuir efetivamente para a mobilização da opinião pública que leve à contestação e transformação da realidade, como pode também ser um espaço de reforço das desigualdades, de estereótipos e até mesmo de práticas de intolerância.

Dentro os vários meios de comunicação disponíveis, a mídia impressa costuma ser aquela que mais recebe o status ou representação de confiabilidade e, dentre os meios impressos, são as revistas que mais desfrutam dessa credibilidade. Scalzo (2003), ao estudar a história das revistas, destaca que “(...) as revistas vieram para ajudar na

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

Esse trabalho contou com a colaboração dos acadêmicos do curso de Jornalismo, Lauro Henrique Wagner, Pedro Henrique Homrich e Waltermiriam Santos.

² Acadêmica do 7º período do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí.

³ Acadêmica do 7º período do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí.

⁴ Orientadora da pesquisa. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade do Vale do Itajaí

complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores” (SCALZO, 2003, p. 14).

A revista *Veja* foi criada em 11/09/1968 pela Editora Abril, hoje um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina. Nas primeiras edições, foi editada como *Veja e Leia*. Com o tempo, a palavra *Leia* foi desaparecendo, restando apenas o título *Veja*. Seu nome foi defendido pelo fundador da editora, Victor Civita, que o relacionava com expressões comumente utilizadas no Brasil, como “veja só”, “veja, se fizermos dessa forma...”.

O primeiro número da revista tinha como manchete de capa, em tempos de guerra fria, “O Grande Duelo no Mundo Comunista”. Ou seja, a primeira edição da revista já trazia um assunto internacional, editoria foco desta pesquisa, como destaque. *Veja* começou com uma tiragem de 10.000 exemplares. Vinte anos depois, em 1988, alcançou uma tiragem de 370 mil exemplares. Tornou-se a principal revista brasileira, sobretudo a partir do desaparecimento de *O Cruzeiro*.

Em setembro de 2013, a revista completou 45 anos, evidenciando sua conquista de mercado e importância no cenário jornalístico nacional. Ao longo dessas décadas, a revista participou não apenas do registro e da difusão de imagens e representações sobre os acontecimentos nacionais, mas também sobre vários temas e acontecimentos de outros países, contribuindo assim para a construção de visões sobre esses países por parte de seus leitores a partir das memórias que ajudou a difundir.

Van Dijk (1996) fala que ao lermos uma notícia, construímos imaginativamente o fato descrito, que ele define como um processo de interação entre o escritor (no caso o jornalista) e o leitor do discurso jornalístico. Nossos valores influenciam na compreensão e apreensão do texto lido, mas também são influenciados por ele.

A problemática desta pesquisa foi, justamente, de analisar quais representações e, por extensão, quais memórias sobre outras nações, outras culturas a revista ajudou a construir, e a perpetuar, ao longo de seus 45 anos de existência. Parte de questões como: quais assuntos e temáticas internacionais foram destacados pela revista? Como contribuiu para o registro da história do tempo presente?

Objetivo geral

Analisar quais os temas e acontecimentos internacionais foram destacados pela revista *Veja* ao longo de seus 45 anos de história.

Objetivos específicos

- Verificar quais temas, assuntos e acontecimentos internacionais foram destacados nas capas;
- Identificar fontes e critérios de noticiabilidade adotados pela revista para abordar esses temas;
- Elencar quais países e personagens foram destacados na editoria de internacional a partir das reportagens que foram para capa.

Justificativa

Conforme Scalzo (2003), uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento. Além disso, a autora argumenta que “(...) é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo.”⁵ Um aspecto que destaca as revistas dos demais meios de comunicação, sobretudo do exercício jornalístico é a sua representação de confiabilidade, o seu status de verdade diante do seu “consumidor”. Como afirma Scalzo (2003, p. 12-13) “(...) revistas são impressas e o que impresso, historicamente, parece mais verdadeiro do aquilo que não é. (...) Se ocorre um fato que mobiliza a população e tem ampla cobertura na televisão, é certo que jornais e revistas venderão muito mais – eles servem para confirmar, explicar e aprofundar a história (...)”.

Mesmo com o advento da mídia eletrônica, de todo o acervo e instantaneidade da internet, o aprofundamento da notícia ainda é o mais valorizado, aspecto comumente associado ao jornalismo de revista. Numa pesquisa realizada no EUA pela *Online News Association*, no final de 2001, os internautas deixaram a novidade da notícia em quinto lugar, atrás de exatidão, completude, honestidade e fontes confiáveis, numa lista composta por 11 características relacionadas à credibilidade da informação.⁶

Justamente por esse caráter costuma-se atribuir às revistas uma credibilidade maior em relação aos demais meios de comunicação. A premissa jornalística nesse veículo é a de não trabalhar com o imediatismo, mas com o aprofundamento. Assim, a realidade retratada ganha um status de verdade e confiabilidade também maior, contribuindo decisivamente para a agenda do público, para a sua construção de representações. Por ser a

⁵ SCALZO, 2003, p. 12

⁶ Pesquisa citada por Scalzo, 2003.

revista mais lida do país, Veja desempenha um importante papel na construção social da realidade.

A revista Veja é a mais lida e a mais vendida no Brasil. Conforme Scalzo (2004) é a única revista semanal de informação a obter esse status. “Em outros países, revistas semanais vendem bem, mas nenhuma é a mais vendida – esse posto geralmente fica com as revistas de tevê”.⁷ São vendidos cerca de 1.200.000 exemplares a cada mês.⁸ A revista é, portanto a principal referência nesse tipo de veículo de comunicação. Além de seu destacado status nacional, Veja está entre as quatro primeiras no ranking de revistas semanais mais vendidas no mundo, ao lado das revistas norte-americanas *Time*, *Newsweek* e *US News & World Report*.

Na pesquisa realizada por JOHN e EBERLE (2010), ao analisarem duas mil capas da Veja, as autoras constataram que a temática de Internacional é bastante recorrente na revista. Os percentuais de edições que trouxeram temáticas internacionais nas capas da revista oscilaram na casa de 25 a 30% ao longo das décadas. Em 1960 o percentual foi de 30%, nos anos 70, 28%, nos anos 80 o percentual ficou em 26%. A década de 1990 teve o menor percentual, com 14% de assuntos internacionais na capa, porém, nos anos 2000, cujo intervalo de análise foi de 2000 a 2007, esse percentual subiu para 23%. Como se vê, os assuntos internacionais são bastante enfatizados pela revista, notadamente conflitos internacionais e relações econômicas.

Neste cenário, o país que mais aparece são os Estados Unidos da América, presente sempre em pelo menos 10% das capas ao longo de todas as décadas. A década de 1990, apesar do menor percentual, foi à única década a dedicar mais atenção aos conteúdos históricos, com ênfase para a história européia, seguida pela história nacional e de outros países da América Latina. Estes dados são os principais motivadores para a realização desta pesquisa, ampliar a análise das capas e ir até o conteúdo das reportagens de modo a verificar quais memórias foram evidenciadas pela revista e, deste modo, quais são as memórias fortes da segunda metade do século XX e primeira metade do século XXI reforçadas pela revista Veja.

Jornalismo Internacional

O Jornalismo Internacional trabalha com acontecimentos que ultrapassam as fronteiras do país onde está localizado o veículo de comunicação. E, apesar de parecer uma

⁷ SCALZO, 2003, p. 31.

⁸ SCALZO, 2003.

questão lógica, que as pessoas se interessem por acontecimentos de seu meio, NATALI (2011, p.23) destaca que “o jornalismo nasceu, isto sim, sob a forma de jornalismo internacional, com formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes.” O primeiro jornal com notícias internacionais foi publicado em 1605, em Antuérpia, a *Nieuwe Tijdingen*. Entre 1610 e 1645, jornais com questões econômicas e políticas de terras estrangeiras já circulavam na Suíça, Áustria, Hungria, Inglaterra e França.

NATALI (2011, p.30) aponta que durante a Guerra Civil norte-americana (1861-1865) o jornalismo internacional já entrava em sua fase adulta. Este conflito foi acompanhado por 150 correspondentes de guerra. O jornal impresso e a revista procuravam obter informações por um preço menor, “a ideia consistiu, então, em formar *pools* pelos quais um mesmo repórter ou equipe de repórteres produziram material para muitos órgãos de imprensa. É a ideia da agencia de notícias.”⁹ As agências de notícia deram viabilidade econômica ao noticiário internacional. A primeira de que se tem notícia surgiu em 1835 na França, criada por Charles Havas, atual AFP.

Hoje, com tantas agencias espalhadas pelo o mundo, os jornais recebem inúmeras informações internacionais, que em sua maioria são descartadas “nenhuma outra editoria de jornal põe no lixo uma quantidade tão incrível de informações.” (NATALI, 2011, p. 11) Desta forma, é preciso utilizar critérios refinados de qualificação e seleção. Assim, surgem os critérios de noticiabilidade, “um conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias.”¹⁰

WOLF (2002, p.180) define os valores/notícia, que dizem respeito ao critério de noticiabilidade substantivos, como os que se articulam entre a importância e o interesse da notícia. A importância é determinada por quatro variáveis: grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, quantidade de pessoas que o acontecimento envolve e relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação.

A segunda categoria de valores/noticia diz respeito à disponibilidade de materiais e às características do produto informativo. Os critérios relativos ao meio de comunicação também são levados em conta, uma notícia pode ganhar um espaço maior pela forma como é apresentada e não por conta do assunto propriamente dito. Também são considerados os critérios relativos ao público, que diz respeito ao papel desempenhado pelo jornalista com foco no interesse de seu público. Por fim, há os critérios relativos à concorrência, que se

⁹ NATALI (2011, p.30)

¹⁰ idem, p.175

referem à disputa de mercado e informação entre os veículos de comunicação. NATALI (2011, p.13) afirma que

Guerras são, em princípio, importantes, embora algumas tenham visibilidade maior que as outras (a intervenção dos Estados Unidos no Iraque é mais visível que a Guerra Civil na República Democrática do Congo, ex-Zaire, por exemplo). Eleições em países vizinhos ao Brasil ou influentes em termos mundiais são importantes também, como Estados Unidos, Argentina, Alemanha, Bolívia, Reino Unido, Venezuela, França ou Rússia. Epidemias, com seus efeitos humanos, demográficos e econômicos estão sempre na pauta. Há ainda essa imprevisibilidade que comove e que são as inesperadas tragédias.

Mesmo antes do surgimento da globalização, e do estreitamento das fronteiras entre o Brasil e países estrangeiros, o leitor de jornalismo internacional, especialmente os de política, já estavam com sua atenção voltada para diversas regiões do mundo. Para NATALI (2011, p.109) é para esses leitores que se deve procurar produzir um noticiário internacional diferenciado e de boa qualidade.

Procedimentos Adotados

Esta é uma pesquisa documental que tem como objeto de análise a Revista Veja. O *corpus* de análise foi composto pelas edições de n. 1, publicada em 11/09/1968 até a edição publicada em 11/09/2013, data em que a revista completou 45 anos. Foram analisadas, portanto, todas as revistas publicadas ao longo desses 45 anos. Isto foi possível porque a revista disponibiliza, gratuitamente, todas as suas edições impressas em formato digital em seu website. A análise de conteúdo se concentrou nas capas da revista, de modo a mapear em quantas e quais edições a editoria de internacional foi destaque na capa, tanto nas manchetes quanto nas chamadas secundárias.

A AC pode ser realizada a partir de dois pontos: dos significados, baseada em temas; ou dos significantes, a observação léxica ou metodológica. A validação desta aplicação técnica deve considerar regras quanto à formulação de categorias, procedimento que integra a primeira fase da pesquisa. Esta prática é chamada de *categorização*, facilitadora da *codificação* dos dados coletados (BARDIN, 1977, p. 113).

Esta parte da aplicação da AC consiste na elaboração de categorias a partir de algumas palavras ou expressões presentes no objeto de estudo. Conforme a autora, na organização das categorias é preciso que se adaptem as seguintes regras: quanto à

homogeneidade; à *exaustividade* no conjunto do texto; à *exclusividade*; à *objetividade*; adequação ou *pertinência*, na busca dos objetivos da investigação.

Conforme BARDIN (1977) a análise de conteúdo passa por três etapas específicas chamadas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Cada uma destas fases é composta de vários procedimentos que possibilitam a passagem de uma etapa para a posterior. O primeiro passo é a *leitura flutuante*, a partir dela há o contato com o documento a ser analisado, etapa a ser realizada já na primeira semana da coleta dos jornais. Para organizar os indicadores, a delimitação do texto, a *categorização* e *codificação* são passos essenciais em vista da aplicação e da obtenção final dos resultados. Para BARDIN, a exploração do material consiste na realização da análise em si. Neste momento, as unidades ordenadas pela *categorização* e *codificação* são aplicadas na intenção de obter os dados para posterior interpretação. Na terceira e última fase os dados apurados são submetidos a operações estatísticas, a *inferências* e interpretações, a fim de responder aos objetivos da investigação.

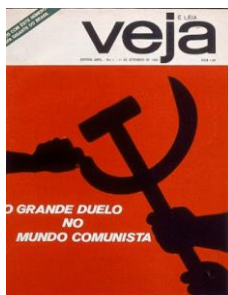
Apresentação dos Resultados

A revista *Veja* vem, ao longo dos últimos 45 anos, desempenhando importante papel na construção da realidade apreendida pelos brasileiros. Não por acaso, diversos estudos têm tomado como base e reflexão os conteúdos e discursos produzidos pela revista. Não nos coube aqui explicitar os posicionamentos ideológicos ou político-partidários supostamente adotados pela revista, mesmo porque, nossa análise concentrou-se apenas nas capas e, embora seja possível estabelecer conexões com os valores acima reportados, não tivemos esse aspecto como foco. Nossa intenção foi mapear, sobretudo, as temáticas internacionais que ganharam destaque na mais importante revista brasileira nas últimas quatro décadas do século passado e a primeira década e meia deste novo século.

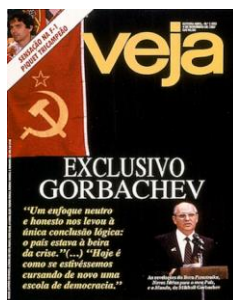
Podemos ter uma breve noção das transformações visuais ocorridas na revista ao observarmos três capas que são marco histórico da publicação:

Figura 1 – Capas das edições n.1, n.1000 e n.2000

Edição n. 1 – 11
de setembro de 1968



Edição n. 1000 – 04
de novembro de 1987



Edição n. 2000 – 21
de março de 2007



O único aspecto gráfico que destacamos nesta pesquisa foi a imagem da capa, neste momento apenas no que se refere à sua modalidade de apresentação. A fotografia é sempre priorizada, como se observa na tabela abaixo:

Tabela 1 - Imagem da Capa

Imagem	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
Fotografia	89%	58%	63%	61%	77%	77%
Ilustração	7%	38%	30%	10%	16%	21%
Outros ¹¹	4%	4%	7%	29%	7%	2%

As transformações visuais pelas quais a revista foi passando referem-se mais a um processo de aprimoramento, e possivelmente, uso de softwares de edição da imagem, porque a qualidade técnica e estética esteve presente desde as primeiras décadas, como pode-se ver no exemplo que compara a primeira capa com uso de fotografia em cada uma das décadas analisadas:

Figura 2 – Primeira capa com fotografia (sem montagem) em cada década



¹¹ Quando há mistura entre foto e ilustração sem que se possa definir onde termina uma e onde começa outra ou quando só há texto e fundo preto, por exemplo.

Curiosamente, a primeira capa com fotografia sem montagem na década de 1980 abordava, justamente, a propagação das câmeras fotográficas no Brasil. Como mostram as imagens, no uso da fotografia sem mesclar com ilustração ou mesmo na montagem de várias imagens fotográficas, o estilo permaneceu praticamente o mesmo oscilando entre o fotojornalismo, ou seja, a fotografia não posada e que capta os acontecimentos como e quando acontecem, como são os casos dos exemplos das décadas de 1960, 1970 e 2010; ou a fotografia posada, feita possivelmente especialmente para a revista, como os exemplos de 1990 e 2000.

Sobre a importância da imagem, Silva (1985) fala que o jornalismo impresso, no processo de diagramação, tem um reforço estético, bem como, produção de informação visual por meio do uso de símbolos gráficos que agem diretamente no receptor. Para além das questões estéticas, os personagens e enfoques priorizados nas capas dão um panorama do que a revista considerou como mais importante. Com base nos resultados abaixo, pode-se perceber que ao menos em termos visuais, a revista ainda é majoritariamente masculina e evidencia personagens famosos, sobretudo do cenário político e econômico, principal foco da revista, mas também com grande ênfase ao cenário internacional.

Tabela 2 – Fotografia quanto ao sexo da personagem destacada

Fotografia/Sexo	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
Masculino	85%	84%	79%	72%	62%	64%
Feminino	15%	16%	21%	28%	38%	36%

Tabela 3 – Fotografia quanto ao personagem destacado

Fotografia/ Personagem	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
Famoso/Público	46%	50%	67%	61%	56%	79%
Pessoa Comum	35%	28%	25%	39%	44%	21%
Outros ¹²	19%	22%	8%	-	-	-

¹² Refere-se a capas que não apresentam pessoas e sim objetos ou outras imagens.

Os dados apresentados a seguir referem-se ao enfoque dado por esta pesquisa – a evidência que a revista deu para os assuntos internacionais em suas capas. Ressaltamos, mais uma vez, que como o volume de dados foi bastante elevado, neste artigo apresentamos um panorama geral dos resultados. Conforme o andamento da pesquisa se deu, fomos percebendo a possibilidade de desdobramentos, caso de outra pesquisa que está em andamento e focaliza o destaque dado aos países latino americanos uma vez que mesmo com a esta pesquisa ainda não finalizada, já tínhamos percebido que o subcontinente ocupou várias vezes a capa da revista. Há outros desdobramentos, como a questão dos conflitos e tragédias, duas das temáticas mais evidenciadas e, sobretudo, uma análise específica sobre as capas que abordaram os Estados Unidos, país majoritário quanto o assunto foi internacional.

Tabela 4 - Enfoque dos assuntos da manchete

Enfoque	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
Nacional	70%	72%	57%	86%	51%	70%
Internacional	30%	28%	43%	14%	49%	30%

O destaque para assuntos internacionais nas manchetes da década de 2000, bastante singular em relação às demais, como evidencia a tabela 4, tem como explicação a grande ênfase dada aos atentados ao World Trade Center em Nova York em 11 de setembro de 2001 e tudo o que decorreu em consequência disso.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 foram um marco na história da humanidade. A revista Veja colaborou com a sua contribuição histórica na cobertura do tema e trouxe em suas capas assuntos relacionados ao fato, como o *terrorismo*, a política dos EUA, as consequentes guerras, o *islamismo*, entre outros temas. A seguir destacamos a sequência de capas publicadas após o 11 de setembro de 2001.

Figura 3 - Semanas 19/09, 26/09 e 03/10



Figura 4 - Semanas de 10, 17 e 24/10/2001



Nessa mesma década houve significativo destaque para a temática dos conflitos internacionais, notadamente a Guerra do Iraque (2003) e ainda na Palestina. As tragédias internacionais do período também ganharam destaque e estavam relacionadas ao Tsunami na Ásia (final de 2004), ao atentado terrorista em Madri (2005) e ainda ao naufrágio do submarino russo (em 2001). Outra tragédia, esta na década em curso, levou a Haiti a aparecer em 7% das capas internacionais, como se demonstra a tabela a seguir com os países que apareceram nas manchetes.

Tabela 5 - País enfatizado na manchete internacional

País	Anos 60	Anos 70	Anos 80 ¹³	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
Estados Unidos	50%	23%	32%	38%	47%	50%
Rússia ¹⁴	13%	2%	7%	8%	3%	-
Israel	9%	3%	1%	13%	1%	-
Argentina	4%	8%	8%	-	4%	-
Inglaterra	4%	3%	8%	8%	4%	-
Peru	4%	2%	-	-	-	-
Portugal	4%	4%	-	-	-	-
Suíça	4%	-	1%	-	-	-
Arábia Saudita	4%	2%	-	-	3%	6%
Checoslováquia	4%	-	-	-	-	-
Itália	-	5%	2%	-	1%	-
França	-	4%	1%	-	1%	3%
Chile	-	5%	1%	-	-	3%
Uruguai	-	1%	-	-	-	-
Bolívia	-	2%	-	-	-	-
Jordânia	-	1%	-	-	-	-
Palestina ¹⁵	-	1%	1%	7%	5%	-

¹³ Houve ainda um total de 13% de capas cuja manchete teve enfoque nacional, mas foi considerada na coleta porque uma ou mais chamadas abordavam assuntos internacionais.

¹⁴ Rússia e URSS foram sempre somadas.

¹⁵ Entendemos que não há um país chamado Palestina, embora no cenário contemporâneo haja uma série de Nações que reconheça o Estado da Palestina (A Onu reconheceu o Estado da Palestina em 29/11/2012, considerado como “estado observador não-membro”). Aqui a nomenclatura foi utilizada porque era a

Índia	-	1%	2%	-	4%	-
Paquistão	-	1%	-	-	-	-
China	-	4%	2%	2%	4%	6%
Japão	-	1%	1%	3%	-	3%
Alemanha	-	3%	1%	3%	1%	-
Vietnã	-	3%	1%	-	-	-
Egito	-	2%	1%	-	-	-
Síria	-	1%	-	-	-	-
Qatar	-	1%	-	-	-	-
Guiné	-	1%	-	-	-	-
Holanda	-	1%	1%	-	-	-
Líbano	-	1%	1%	-	1%	-
Grécia	-	1%	-	-	-	-
Venezuela	-	1%	-	-	4%	3%
Espanha	-	2%	2%	2%	1%	-
Nicarágua	-	2%	-	-	-	-
Equador	-	1%	-	-	-	-
Paraguai	-	1%	1%	-	-	-
Uganda	-	1%	-	-	-	-
Tanzânia	-	1%	-	-	-	-
México	-	1%	1%	3%	-	-
Camboja	-	3%	-	-	-	-
Afeganistão	-	-	1%	-	1%	-
Polônia	-	-	2%	-	-	-
Irã	-	-	2%	-	-	-
Iraque	-	-	2%	-	-	-
Vaticano	-	-	1%	3%	3%	13%
Irlanda	-	-	1%	-	-	-
Líbia	-	-	2%	-	-	3%
El Salvador	-	-	1%	-	-	-
Cuba	-	-	1%	3%	3%	-
Taiwan	-	-	1%	-	-	-
Cingapura	-	-	1%	-	-	-
Coréia do Sul	-	-	1%	-	1%	-
Jamaica	-	-	1%	-	-	-
Iugoslávia	-	-	-	2%	-	-
Kwait	-	-	-	2%	-	-
África do Sul	-	-	-	3%	-	-
Colômbia	-	-	-	2%	-	-
Somália	-	-	-	-	-	-
Finlândia	-	-	-	-	-	-
Senegal	-	-	-	-	-	-
Emirados Árabes (Dubai)	-	-	-	-	-	-
Haiti	-	-	-	-	-	7%
Sri Lanka	-	-	-	-	1%	-
Tailândia	-	-	-	-	1%	-

referência feita pela revista à região enfocada, embora muitas vezes se referisse ao caso mais específico da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, consideramos mais relevante para o entendimento utilizar a nomenclatura Palestina.

Indonésia	-	-	-	-	-	-
Canadá	-	-	-	-	-	-
Noruega	-	-	-	-	-	3%
Coreia do Norte	-	-	-	-	1%	-
Austrália	-	-	-	-	1%	-

Ao longo dessas mais de cinco décadas, 68 países receberam o destaque de ser a manchete da edição. Como visto, o país que mais se destaca no enfoque internacional das capas são os Estados Unidos, único presente em todas as décadas analisadas, mais do que isso, presente em todos os anos analisados. Além dos Estados Unidos, destacam-se Rússia, Inglaterra, Israel China e Japão, destacadas em lilás na tabela anterior. Estes países foram manchete de capa em todas as décadas a partir dos anos 70, lembrando que a revista começou a circular em 1968 e, portanto, a década de 1960 teve uma quantidade bem menor de edições.

Destacados na cor Azul estão os países que apareceram em quatro das seis décadas: Argentina, França, Palestina, Japão, Alemanha, Espanha, Arábia Saudita e Vaticano. Na cor verde estão os países que aparecem nas manchetes em metade das décadas analisadas, ou seja, em três delas. Foram eles: Itália, Chile, México, Cuba, Índia, Líbano e Venezuela. Na cor laranja estão os países que apareceram como manchete de capa apenas em uma década, os quais representam a maioria dos casos.

Os assuntos que levaram estes países a ganhar o destaque da capa foram diversos ao longo das décadas, mas pode-se perceber que as temáticas de economia e política (principais temas abordados por Veja de um modo geral) estiveram em evidência, somando juntos mais de 50% dos assuntos abordados em cada uma das décadas analisadas.

A importância atribuída ao jornalismo internacional pode ser verificada também nas chamadas de capa. Ao longo de todas as décadas analisadas as chamadas internacionais sobressaíram-se às nacionais, como podemos perceber na tabela a seguir:

Tabela 6 - Enfoque dos assuntos das chamadas de capa

Enfoque	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
Nacional	16%	28%	41%	39%	40%	41%
Internacional	84%	72%	59%	61%	60%	59%

Como a quantidade de chamadas é bem superior às manchetes, optamos aqui por apresentar apenas os continentes destacados em vez dos países. Os países da América se destacam, notadamente por conta das várias menções aos Estados Unidos, mas se levarmos em conta a divisão do continente, vamos perceber que os países da América Sul estiveram sempre em destaque.

A África foi o continente menos evidenciado ao longo desses 45 anos da revista *Veja*. Quando ganharam destaque de capa, em geral os países africanos estavam envolvidos em guerras ou desastres, tragédias de uma forma mais ampla, o que aponta para o reforço de uma memória (ou de ausência dela) que coloca os países africanos numa posição de quase invisibilidade no cenário nacional no que se refere ao que a revista levou aos seus leitores. De um modo geral, foi possível perceber que Europa e América do Norte, notadamente os Estados Unidos foram o centro das preocupações do Jornalismo Internacional praticado pela revista, especialmente os assim chamados países ricos ou desenvolvidos, o que em parte se explica pelo fato de a revista priorizar assuntos de economia e política.

Porém, como saldo negativo das memórias sobre o estrangeiro retratadas pela revista ao longo dessas quase seis décadas está, de certo modo, sua atuação no reforço ao que a escritora nigeriana Chamamanda Aidichie (2009) chamou de o perigo de “uma história única”, qual seja, uma visão de mundo que em apenas alguns poucos atores (nesse caso países) terão suas memórias levadas aos leitores da revista em nosso país. Um reforço a ideia de que certos países só merecem o destaque jornalístico para o ainda predominante critério de noticiabilidade da negatividade.

Enfatizamos, porém, que este artigo traz um primeiro olhar, ainda panorâmico, sobre os dados levantados. Nosso esforço agora, de posse desse extenso material quantitativo, será o de lançar o olhar mais aprofundado, qualitativo, aos resultados levantados. Este esforço se deve ao nosso entendimento de que a editoria de internacional leva aos leitores da revista a visibilidade de temáticas e acontecimentos em detrimento de vários outros assuntos, de várias outras nações, contribuindo para uma noção que permeia a nova história cultural de que as chamadas memórias fortes que se articulam a partir do século XX são as memórias midiáticas. Ou seja, a revista contribui para o reforço a certas memórias e estas são então entendidas como memórias que tendem a permanecer.



REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC/RJ, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, n 10, p.7-28 , dezembro/93.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, Esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e Narrativa**, vols. 1, 2 e 3. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1996.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7. ed. Lisboa: Presença, 2002.